

OBRA ANALISADA	O Cabeleira
GÊNERO	Romance regionalista
AUTOR	Franklin Távora
DADOS BIOGRÁFICOS	Nasceu no Ceará em 1842, falecendo em 1888, no Rio de Janeiro.
BIBLIOGRAFIA	A Trindade maldita, contos (1861); Os índios do Jaguaribe, romance (1862); Um mistério de família, drama (1862) A casa de palha, romance (1866); Um casamento no arrabalde, romance (1869); Três lágrimas, drama (1870). Cartas de Semprônio a Cincinato, crítica (1871); O Cabeleira, romance (1876); O matuto, crônica (1878); Lourenço, romance (1878); Lendas e tradições do norte, folclore (1878); O Sacrifício, romance (1879).
RESENHA	<p>O romance conta a vida de José Gomes, O Cabeleira, temido bandido que aterrorizou o Pernambuco nos anos de 1760.</p> <p>Pai e filho, associados a outro criminoso, Teodósio, praticavam toda sorte de delitos. Decidem, então, assaltar a Vila de Recife.</p> <p>Sabendo da presença dos criminosos, a população se desespera:</p> <p style="padding-left: 40px;">A confusão foi indescritível. As expansões da pública alegria sucederam as demonstrações do geral terror. Homens, mulheres, crianças atropelaram-se, correndo, fugindo, gritando, caindo como impelidos por infernal ciclone. A fama do Cabeleira tinha, não sem razão, criado na imaginação do povo um fantasma sanguinário que naquele momento se animou no espírito de todos e a todos ameaçou com inevitável extermínio.</p> <p>Violentos e sanguinários, os criminosos começam a atacar a população. Cabeleira não compreende o pai, pois a população fugia, diante do questionamento do filho, o pai responde:</p> <p style="padding-left: 40px;">— Estás com medo, Zé Gomes, deste poviléu? Parece-me ver-te fraquejar. Por minha bênção e maldição te ordeno que me ajudes a fazer o bonito enquanto é tempo. Não sejas mole, Zé Gomes; sê valentão como é teu pai</p> <p>Ao ouvir isso, Cabeleira, que era dominado pelo pai, é tomado de descomunal fúria e passa a atacar a população.</p> <p>O exército chega e cerca a região, para fugir, os três cruéis criminosos atiram-se no rio Capibaribe.</p> <p>A violência do Cabeleira é incentivada pelo pai desde tenra idade. Aos 16 anos o menino demonstra extrema crueldade. Nessa época, mata de forma violenta Chica, uma mameluca, companheira de Timóteo, dono de uma venda de artigos roubados.</p> <p>No segundo capítulo, conhece-se a fúria de Cabeleria – o narrador conta as primeiras proezas do criminoso, que ainda não completara dezesseis anos.</p> <p>Chica, mulher de um taverneiro – Timóteo – espanta o animal de Cabeleira que devorava-lhe a horta. Indignada, desvela xingamentos contra o rapaz que a ignora – diante da reação de Cabeleira, a mulher tenta acertá-lo com a vara que trazia na mão. O rapaz se esquivava e esbofetava a mulher que cai. Arrasta-a para fora e a espanca, deixando-a à morte.</p> <p>Dias depois, retorna e pergunta pela mulher. O taverneiro informa-lhe que a mulher havia morrido. Cabeleira, então, obriga-lhe a beber um copo de cachaça para comemorar:</p>

— Ah! fez esta bestidade? Pois então, para celebrarmos o caso, bote aguardente e bebamos. Timóteo encheu sem demora o copo que apresentou a José.

— Beba primeiro — disse este.

— Não, eu não bebo — respondeu o taverneiro.

— Que imprudência a sua, menino! Não bebo, não quero beber, está acabado. Veja se me obriga.

A este rasgo de cobarde arrogância que seria digna do riso se não despertasse compaixão, José retrucou, fitando os olhos do colono:

— Seu Timóteo, você vai errado. Olhe que eu não posso demorar me nem sou de graças. Beba a aguardente por quem é.

O taverneiro, sem replicar, pôs o copo na boca, e, depois de haver sorvido alguns goles que lhe souberam a quássia ou jurubeba, restituiu o ao rapazito, que o esvaziou quase de um trago.

Diante disso, a fama de valente e cruel do rapaz se alastrou. O taverneiro, Timóteo, não questionava o rapa, pois o temia.

No capítulo IV, conhecemos a infância de Cabeleira – que segundo contam tinha boa índole, herdada da mãe, a frágil Joana.

Pela sua organização, pelos seus predicados naturais, o Cabeleira não estava destinado a ser o que foi, nós o repetimos. Os maus conselhos e os péssimos exemplos que lhe foram dados pelo desnaturado pai converteram seu coração (...).

Na verdade, quando menino, Cabeleira fora ensinado pelo pai a ser mal. Quando o pai mandava o menino matar passarinhos, este lhe dizia:

— Tenho pena, papai, e não farei isso aos pobrezinhos — respondeu o menino.

— Tens pena, tu, José? Pois sabe que é preciso que percas esta pena e que te vás acostumando a ser homem. Se hoje cravas o espeto na titela do bem-te-vi, amanhã terás necessidade de cravar a faca no peito de um homem; e se no momento da execução tiveres a mesma pena, ai de ti! que a mão te fraqueará, e o homem te matará.

A mãe tentava livrar o filho dos maus ensinamentos do pai e como não havia jeito, rogava a Deus que mantivesse a natureza boa de seu filho. Irritado com as tentativas da esposa de manter o filho um bom, Joaquim, decide abandonar a mulhr levando Cabeleira. O menino ficou muito triste, pois não queria abandonar a mãe nem a amiga Luisinha, a quem faz uma promessa:

— Pois eu lhe digo uma coisa: se algum dia eu chegar aqui de volta, tenha logo por certo que não faço mais mal a ninguém. Se pareço mau, Luisinha, não é por mim.

No capítulo V, conhecemos Luisinha, uma menina orfã criada por uma viúva que a adotara. Menina de boa educação e de boa índole, enchia-se de tristeza com as coisas que ouvia sobre Cabeleira, cuja fama de cruel crescia assustadoramente.

Certo dia, quando fora buscar água, luisinha deparou-se com uma homem que tentara levá-la à força. Sua mãe, estranhado a demora foi atrás da moça, mas acabou sendo ferida pelo homem, que tempo depois revelou ser o Cabeleira:

— Agora te conheço, José malvado — disse a moça. — Mata-me também, já me mataste minha mãe que nunca te ofendeu.

— Ah, conhecestes afinal o Cabeleira ?

— Tanto me conhecestes tu, desgraçado!

— Que queres dizer com estas palavras ? — perguntou o bandido.

— Olha-me bem. Até de Luísa te esqueceste ! Assassino, eu te perdô a morte: mata-me.

— Perdoe-me, Luisinha. Nem eu a posso levar comigo, nem posso demorar-me por mais tempo. O meu rancho está em perigo, e os camaradas chamam-me em socorro deles. Mas espere por mim um pouco debaixo deste juazeiro, que eu quero que você me ouça. Eu volto já.

Cabeleira escondia-se perto das terras de Liberato, irmão do negro Gabriel, a quem ele e o pai mataram. Ao saber que Cabeleira matara seu irmão, Liberato reúne-se com outros fazendeiros para atacar Cabeleira e seu bando. Porém, temerosos, os

outros fazendeiros se negam. Liberato, junto com seus dois filhos e seu genro parte atrás dos criminosos. Estes, porém, são avisados e armam uma tocaia para o grupo de Liberato que acaba sendo morto.

Para responder aos audaciosos ataque de Liberato, Joaquim propoem o rapto das melhores raparigas da cidade:

— Proponho o roubo das melhores raparigas da povoação. Isto, sim, há de dar a todos a medida da nossa audácia, e por todos será considerado uma prova de que estamos fortes como nunca estivemos.

Os demais, logo aceitam. No dia seguinte, dirigem-separa o povoado. Encontram a casa de Liberato, onde estão apenas as mulheres, inclusive Luisinha e sua mãe Florinda.

Os criminosos batiam na porta da casa mandando que as mulheres saíssem. Como não saíam, decidiram queimar a casa – as mulheres, porém, decidiram não sair, mesmo que morressem queimadas. Morreriam ao pé do altar honradas.

Luisa, porém, foge com sua mãe, já morta. Os criminosos ao verem-na, correm atrás dela. Joaquim a segurava, quando é interpelado por Cabeleira, que salva a moça e parte, abandonando seus grupo, a despeito dos pedidos de seu pai.

Os dois, Cabeleira e Luisa, fogem para a mata, afim de se livrarem das tropas.

Todo o grupo de Cabaleira fora preso, inclusive seu pai. A população, entretanto, ainda temia, pois o mais valente dentre eles ainda estava à solta.

Cabeleira se embrenha no mato com Luisinha – sob a promessa de não mais matar, Cabeleira e Lusinha, procuram fugir das tropas. Cabeleira para, estava realmente arrependido por amor a Luisinha:

No bandido já não havia o assassino, havia um espírito contrito, um coração cheio do temor de Deus. Uma mulher fraca, tendo ao seu serviço unicamente a benevolência natural, a perseverança, as lágrimas e um passado quase desvanecido, havia operado uma conversão com a qual poderia legitimamente orgulhar-se um verdadeiro apóstolo do cristianismo.

Pouco depois, Luisinha acaba morrendo. Cabeleira descobre, então, que sua amada morrera dos ferimentos causados durante o incêndio:

— Queimada! Oh! Luisinha, que sofrimento não foi o teu! Que dores não suportaste em silêncio, desgraçada criança ! E como fico eu sem ti, meu amor ? Ai de mim, Luisinha ! Ai de mim!

A morte de Luisinha comovera Cabeleira que continuou a manter sua palavra de não mais matar.

No capítulo XVII, Cabeleria é finalmente preso. Por não confiar na prisão, o capitão-mor Cristóvão de Holanda Cavalcanti leva o criminoso para sua própria casa, até encaminhá-lo a Recife.

Na prisão, por estar extremamente triste, Cabeleria pede ao guarda que o vira menino – e não lhe queria mal – uma viola para poder cantar a dor da perda de Luisinha. Ao ouvir sua cantoria, a esposa do capitão pede ao marido que salve Cabeleira, por crer que ele não fosse tão mal. Os apelos, entretanto, não surtem efeito.

Cabeleria e seu bando são julgados e condenados à forca. Joana, mãe de Cabeleira pede para vistá-lo, o que lhe é negado.

Cabeleira é levado ao cadafalso:

— Morro arrependido dos meus erros. Quando caí no poder da justiça, meu braço era já incapaz de matar, porque eu já tinha entrado no caminho do bem...

Despede-se, dando adeus à sua mãe, que se encontrava na praça:

	<p>— Adeus mamãezinha do meu coração</p> <p>Joana não aguenta ver a morte do filho e morre nos braços das mulheres na praça.</p>
ESTILO DE ÉPOCA	<p>O romance pertence ao Romantismo brasileiro, inaugurando o que o autor chama de "literatura do norte" – literatura regionalista centrada no nordeste brasileiro.</p> <p>Sua fase regionalista corresponde ao que Lucia Miguel Pereira (teórica da literatura) chama de segunda fase – iniciando-se a partir de 1867, com <i>Um casamento no arrabalde</i>.</p> <p>A principal crítica que se faz à literatura de Távora é no que diz respeito à capacidade imaginativa do autor. Segundo outro importante teórico, Antonio Candido, Franklin era demasiadamente fidedigno à realidade, faltando elementos que melhor integrassem personagem e ambiente.</p>
INTERTEXTUALIDADE	<p>O projeto literário do autor inaugura o regionalismo que a geração modernista de 45 muito utilizou – ao que chamamos, também, de neo-realismo.</p> <p>Obras como <i>O quinze</i>, <i>Menino de Engenho</i>, <i>Vidas Secas</i> – inspiraram-se na estética da "literatura do norte" para retratar o nordeste brasileiro. Há um realismo quase documentarista, que descrever a realidade sofrida do nordeste.</p>
VISÃO CRÍTICA	<p>José Gomes de fato existiu e aterrorizou o nordeste no século XVIII (podendo ser comparado a Lampião, mais pelos feitos que pela fama) – o autor se valeu das histórias transmitidas oralmente para compor seu romance. A narrativa envolve dados históricos precisos, nomes, datas, fatos – que acrescentam a trama um caráter biográfico bastante convincente.</p> <p>É justamente este o maior ataque da crítica – o romance está mais próximo do texto histórico que literário.</p> <p>Seja como for, a obra de Távora impressiona pela capacidade descritiva, pela precisão histórica, pela impressão que causa no leitor o enredo bem elaborado e articulado.</p>

Copyright © 2000-2011 Escola24horas S.A. Todos os direitos reservados. Não é permitido a reprodução ou a distribuição sem a autorização expressa da Escola24horas S.A.